



# GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

NICOLAU SEVCENKO, HISTORIADOR DA CULTURA, COMENTADOR DE  
WITTGENSTEIN?

Márcio Santos de Santana<sup>1</sup>

**Resumo:** Investigo a presença das ideias wittgensteinianas no livro *Orfeu Extático na Metrópole* (1992), escrito por Nicolau Sevcenko. Nesse trabalho, o historiador apresenta uma breve, mas singular interpretação acerca da relação linguagem e mundo, tendo por base, aparentemente, os aforismos 4.0031 e 5.6 do *Tractatus Logico-Philosophicus*. Como problema central, questionamos se tal leitura confere ao historiador a condição de comentador de Wittgenstein?

**Palavras-chave:** Teoria e Filosofia da História. Filosofia da Linguagem. Ludwig Wittgenstein. Historiografia.

NICOLAU SEVCENKO, CULTURAL HISTORIANS, COMMENTATOR ON  
WITTGENSTEIN?

**Abstract:** I investigate the presence of Wittgensteinian ideas in the book *Orpheus Ecstatic in the Metropolis* (1992), written by Nicolau Sevcenko. In this work, the historian presents a brief but singular interpretation of the relationship between language and world, apparently based on aphorisms 4.0031 and 5.6 of the *Tractatus Logico-Philosophicus*. As a central problem, we question

---

1 Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: msantana@uel.br

whether such a reading would give the historian the status of commentator on Wittgenstein?

**Keywords:** Theory and Philosophy of History. Philosophy of Language. Ludwig Wittgenstein. Historiography.

## INTRODUÇÃO

Hoje um clássico da historiografia brasileira, o livro *Orfeu Extático na Metrópole*, escrito por Nicolau Sevcenko, originado de sua tese de livre docência, defendida em 1992 na *Universidade de São Paulo*, tem por objetivo estudar a metropolização da cidade de São Paulo, na década de 1920, examinando o processo histórico pelo prisma da dimensão cultural.

A certa altura de sua reflexão, no capítulo dedicado a tratar, dentre outras coisas, da Primeira Guerra Mundial e de seus impactos culturais, o historiador estabelece um diálogo com o pensamento wittgensteiniano, tomado nesse caso como fonte histórica. Três livros do filósofo foram consultados: *Tractatus Logico-Philosophicus*, *Investigações Filosóficas* e *Cadernos 1914–1916*, publicados respectivamente em 1921, 1953 e 1961.

Sevcenko apresenta ao leitor uma breve, porém singular interpretação acerca da relação linguagem e mundo, tendo por base, aparentemente, os aforismos 4.0031 e 5.6 do *Tractatus*. Com efeito, neste trabalho investigo a presença e a importância das ideias do filósofo Ludwig Wittgenstein no livro *Orfeu Extático na Metrópole*. Por conseguinte, o problema principal sobre o qual me debruço é o seguinte: seria correto, no âmbito epistemológico, conferir ao historiador Nicolau Sevcenko a condição de comentador de Wittgenstein?

Não é possível a realização da avaliação proposta sem que antes sejam estabelecidos os princípios norteadores, expostos na sequência como hipóteses de trabalho. Sendo assim, o intelectual X pode ser considerado *comentador* de Y se estiverem presentes os seguintes *fatores estruturais*:

- i. nível de adesão ao cânone acadêmico (parcial ou integral);
- ii. nível de rigor presente no raciocínio (incipiente ou rigoroso);
- iii. nível de desenvolvimento do texto (breve ou circunstanciado).

O método adotado é relativamente simples: em um movimento inicial, localizo as ideias de Wittgenstein presentes no livro de Sevcenko, identificando o contexto no qual foram mobilizadas; em um movimento subsequente, pondero acerca da importância dessas ideias na argumentação urdida pelo historiador.

O artigo está organizado em três seções, além desta introdução e das

considerações finais do artigo. Desse modo, abordo a trajetória intelectual do filósofo e do historiador nas duas próximas seções. A de Ludwig Wittgenstein, sob o prisma da relação linguagem e mundo, na próxima seção; na seção seguinte, por sua vez, exploro a de Nicolau Sevcenko, enfatizando o seu *Orfeu Extático na Metrópole*. A terceira seção, finalmente, apresenta as reflexões sobre o problema principal.

## I. Ludwig Wittgenstein, linguagem e mundo

Nesta seção, como anteriormente informado, discorro sobre a relação linguagem e mundo, problemática essencial ao pensamento wittgensteiniano, assim como ao problema principal deste trabalho. Outrossim, o conhecimento acerca do mundo exterior consiste em um dos problemas seminais da filosofia, como bem lembra Krempel (2013).

Em análise acerca da argumentação tractatiana Pinto (1998) ressalta a tendência existente entre os contemporâneos austríacos de Wittgenstein no sentido de considerar a crítica da linguagem como a atividade mais relevante do empreendimento filosófico.

Influenciado pelo logicismo, conexão reconhecida no Prefácio<sup>2</sup> do *Tractatus*, livro no qual seu autor buscou estabelecer os limites da linguagem para expressar o mundo; contudo, não qualquer linguagem, mas uma linguagem simbólica artificial capaz de afastar ambiguidades e duplos sentidos existentes na linguagem ordinária do cotidiano. Sendo assim, afirma Wittgenstein (2001, p. 131):

Poder-se-ia talvez apanhar todo o sentido do livro com estas palavras: o que se pode em geral dizer, pode-se dizer claramente; e sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar. [...]

O livro pretende, pois, traçar um limite para o pensar, ou melhor – não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos [...] O limite só poderá, pois, ser traçado na linguagem, e o que estiver além do limite será simplesmente um contrassenso.

Não há por que discordar de Condé (1998) quando defende a existência de ao menos duas linhas interpretativas do empreendimento wittgensteiniano, tendo em vista o peso atribuído pelos comentadores às influências intelectuais recebidas pelo filósofo, especialmente no que se refere à filiação kantiana, negada pela primeira linha e assumida pela segunda.

A primeira linha interpretativa destaca a relevância da cultura austro-alemã,

2 Wittgenstein escreveu no Prefácio do *Tractatus*: “Desejo apenas mencionar que devo às obras grandiosas de Frege e aos trabalhos de meu amigo Bertrand Russell uma boa parte do estímulo às minhas ideias.” (WITTGENSTEIN, 2001, p. 131).

ênfatizando a influência de autores como Goethe e Mauthner<sup>3</sup>, sendo representado por comentadores como Bartley III (1973) e Haller (1990)<sup>4</sup>. Por sua vez, a segunda linha enfatiza a relevância do logicismo de Frege e Russell<sup>5</sup>, notadamente representada por comentadores como Stenius (1964) e Quinton (1965)<sup>6</sup>.

A tradição filosófica tende a dividir a filosofia de Wittgenstein em duas fases distintas, sendo a primeira fase – o dito primeiro ou Wittgenstein jovem – marcada pelo *Tractatus*, ao passo que a segunda fase – a do segundo ou do Wittgenstein maduro –, expressa nas *Investigações*. Mas, o que justifica tal separação?

Entre o primeiro e o segundo Wittgenstein, além da autocrítica<sup>7</sup> apresentada por Wittgenstein em relação ao que escrevera no *Tractatus*, há que se destacar o desenvolvimento de outra concepção de linguagem, exposta nas *Investigações*. O primeiro Wittgenstein investiu no caráter semântico da linguagem, tendo por base a noção de forma lógica; o segundo, fundamentado na noção de forma de vida, investiu na pragmática contextual dela. Nessa linha interpretativa, portanto, o segundo Wittgenstein é visto como o antípoda do primeiro.

Entretanto, tem se desenvolvido nas últimas décadas – ao menos desde os anos 1980 – uma linha interpretativa defendendo a existência de um terceiro Wittgenstein. Dessa forma, comentadores renomados têm avançado na argumentação de que os escritos posteriores a 1945 constituem um programa de pesquisa diverso do que foi expresso nas *Investigações* (von WRIGHT, 1982; MOYAL-SHARROCK, 2004; HACKER, 2013).

3 O escritor e poeta Johann Wolfgang von Goethe (1749–1832), produziu alguns dos maiores clássicos da literatura ocidental. O filósofo austríaco Fritz Mauthner (1849–1923) foi autor de vasta obra, sendo uma das poucas referências que Wittgenstein fez no *Tractatus* – cf. aforismo 4.0031; exerceu influência também em James Joyce (1882–1941) e Samuel Beckett (1906–1989).

4 Os comentadores citados atuaram em importantes instituições de ensino e pesquisa ao longo de suas carreiras. O filósofo americano William Warren Bartley III (1934–1990) atuou, por exemplo, no Instituto Warburg (Universidade de Londres) e na Universidade Estadual da Califórnia. Por seu turno, o filósofo austríaco Rudolf Haller (1929–2014) esteve à frente de instituições como a Universidade de Graz e a Universidade de Viena.

5 O filósofo alemão Gottlob Frege (1848–1925) exerceu suas atividades na Universidade de Iena, expostas inicialmente na obra *Conceitografia* (1879). Já Bertrand Russell (1872–1970), filósofo inglês, atuando na Universidade de Oxford, estabeleceu os fundamentos de sua lógica nos *Principia Mathematica* (1910–1913), trabalho em 3 volumes, escrito em parceria com Alfred Whitehead.

6 Os comentadores mencionados tiveram atuação em instituições de ensino e pesquisa durante as suas carreiras acadêmicas. O matemático e filósofo finlandês Erik Gunnarsson Stenius (1911–1990) exerceu suas atividades profissionais na Universidade Åbo Akademi e na Universidade de Helsinque. Teve passagens como professor visitante na Universidade de Iowa e na Universidade Duke, nos Estados Unidos. O filósofo britânico Anthony Meredith Quinton (1925–2010) desenvolveu sua carreira acadêmica na Universidade de Oxford, onde ocupou diversos postos de destaque, entre eles o de Presidente do Trinity College (1978–1987).

7 Wittgenstein esclarece tal ponto no Prefácio das *Investigações*: “Mas, há quatro anos, tive ocasião de ler novamente o meu primeiro livro (o “Tratado Lógico-Filosófico”) e de esclarecer os seus pensamentos. Pareceu-me, de repente, que eu deveria publicar aqueles antigos pensamentos junto com os novos: estes poderiam receber sua reta iluminação somente pelo confronto com os meus pensamentos mais antigos e tendo-os como pano de fundo” (WITTGENSTEIN, 2009, p. 12, grifo meu).

Uma compreensão mais assertiva da vida intelectual de Ludwig Wittgenstein deve remontar à Primeira Guerra Mundial, tendo em vista ter se dado a conclusão, em 1918, do manuscrito contendo o embrião do futuro *Tractatus Logico-Philosophicus*, com base nas informações consolidadas em sete pequenos cadernos de anotações (SEGATTO, 2015, p. 19–20).<sup>8</sup>

A natureza do sentido proposicional está na raiz do pensamento wittgensteiniano desde os primeiros escritos, tal como se pode ver em uma anotação datada de 22 de janeiro de 1915, feita pelo filósofo em seus cadernos, onde se lê:

Toda minha tarefa consiste em clarificar a essência da proposição. Isso significa especificar a essência de todos os fatos, dos quais a proposição é figuração. Especificar a essência de todo ser (WITTGENSTEIN apud SEGATTO, 2015, p. 19).

Não por outra razão o *Tractatus* inicialmente seria intitulado *Der Satz* (A Proposição), mas Wittgenstein alterou para *Logisch-Philosophische Abhandlung* (Tratado Lógico-Filosófico), por ocasião da primeira publicação, em 1921, na revista alemã *Annalen der Naturphilosophie* (Anais de Filosofia Natural) (PINTO, 1998, p. 293).

A publicação em livro se daria apenas no ano seguinte, sob os auspícios do editor londrino Kegan Paul, em edição bilingue (alemão-ínglês), acatando a sugestão de George E. Moore de verter o título para o latim (*Tractatus Logico-Philosophicus*) e contando ainda com o famoso prefácio de Bertrand Russell (REALE; ANTISERI, 2006, p. 309).

Compartilho, nesse sentido, da avaliação tal qual o *Tractatus* tem como objetivo “definir a natureza da linguagem e sua relação com o mundo, vale dizer, como descrever o mundo através de um sistema de representação perfeito” (CONDÉ, 1998, p. 65).

Se, ao traçarmos os limites da linguagem, também traçamos limites para o mundo, conforme expressa o aforismo 5.6<sup>9</sup>, então como essas instancias se conectam? Qual a interrelação entre elas? Na estrutura interpretativa wittgensteiniana a *forma lógica* é que estabelece o *vínculo entre linguagem e mundo*, uma vez que

através da análise da estrutura lógica da linguagem, podemos compreender a estrutura lógica do mundo, ou vice-versa. Essa reciprocidade é possibilitada pela lógica, pois, [...] tanto a estrutura da realidade, quanto a da linguagem, são

8 Publicados na década de 1960, somente três únicos cadernos foram preservados, abarcando os anos de 1914 a 1917, assim distribuídos: volumes 1 e 2 (22 de agosto de 1914 a 22 de junho de 1915) e volume 3 (15 de abril de 1916 e 10 de janeiro de 1917). Os quatro volumes restantes se perderam (SEGATTO, op. cit., nota 1).

9 Na íntegra: “*Os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo*” (WITTGENSTEIN, 2001, p. 245, grifo do autor).

permeadas pela lógica, seja através da forma da realidade, da forma da afiguração ou da forma lógica, já que todas essas formas são idênticas (CONDÉ, 1998, p. 66–67).

Pensamento e linguagem estão intimamente conectados, mas não se confundem na argumentação tractatiana. Dessa maneira, é preciso verificar como o pensamento é compreendido na estrutura do *Tractatus*? Nas palavras do próprio Wittgenstein (2001, p. 165), expressas no aforismo 4, “o pensamento é a proposição com sentido”. Por sua vez, “a totalidade das proposições é a linguagem”, continua o filósofo no aforismo subsequente, o 4.001.

Portanto, a delimitação da linguagem implica também na delimitação do pensamento, ou seja, conteúdo de pensamento e conteúdo proposicional tornam-se, na estrutura teórica em discussão, instâncias complementares e gradativas, estando conexas naturalmente pela lógica.

## II. Nicolau Sevcenko e seu *Orfeu Extático na Metrópole*

O historiador Nicolau Sevcenko, falecido em 2014, vítima de infarto, deixou um legado importante para a cultura brasileira, por meio de sua vasta produção intelectual; resumidamente destacamos as mais de 200 contribuições à imprensa brasileira – notadamente à *Carta Capital* e à *Folha de S.Paulo* –, vários artigos em periódicos acadêmicos, os 41 capítulos de livros e os 11 livros entre autoria, organização e tradução.

Sua trajetória acadêmica foi admirável. Na primeira metade da década de 1980 atuou como professor da *Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Moema* (1981–1985), da *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo* (1982–1985) e da *Universidade de Campinas* (1983–1984). Ingressou na *Universidade de São Paulo* em 1985, tendo defendido a Livre Docência em 1992, após uma passagem como professor visitante na *Universidade de Londres*, no Reino Unido. Em 2012 se aposentou, após ter obtido a posição de Professor Titular de História Contemporânea.

A linguagem foi o tema de estudo da carreira de Nicolau Sevcenko. A abordagem adotada pelo intelectual foi a interdisciplinaridade. Leitor voraz, conforme caracterização de todos os que com ele conviveram, não se restringia a uma única área do conhecimento ou mesmo a uma única disciplina.

Ademais, em *Orfeu Extático na Metrópole*, consoante meu entendimento, o cerne do estudo reside na linguagem e na sua constante adaptação em uma sociedade – a Paulista – em incessante transformação sociocultural. Sendo ainda mais específico, a linguagem a ser criada para nomear a vida moderna.

A cidade de São Paulo é tomada como objeto de estudo de com o fito de “[...] sondar o papel desempenhado pelas projeções culturais numa sociedade passando

por um processo de exacerbação de tensões, em curso de se tornar uma megalópole moderna.” (SEVCENKO, 2000, p. 18).

O processo de metropolização da cidade de São Paulo a deixava em uma condição única de transição sociocultural – *não mais, não ainda*, por assim dizer. Se, por um lado, a cidade de São Paulo *não mais* podia ser categorizada como uma cidade rural e provinciana, por outro, *não ainda* fazia jus à condição de metrópole.

A transformação da vida material impactava diretamente sobre os atores sociais. A cultura e sua produção não permaneceram ileso a esse turbilhão de modificações, muito pelo contrário. Situação similar ocorreu com as identidades. Nesse sentido,

São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas já não tinha mais passado (SEVCENKO, 2000, p. 31).

O historiador apresenta um livro estruturado de forma clara e cuja lógica organizacional está fundamentada em “[...] três eixos narrativos multifacetados e até certo ponto independentes uns dos outros, sugestivos de processos históricos de avassaladoras mudanças que se encadearam sutilmente no tempo [...]” (DIAS, 2000, p. xi).

O primeiro eixo está relacionado ao processo de urbanização da cidade de São Paulo, analisada em meio ao desenvolvimento da economia cafeeira e à onda especulativa que a acompanhou, de tal maneira que a abordagem apresentada foge do estabelecimento de nexos causalidades simples.

Os impactos da modernidade na cultura europeia é o foco analítico do segundo eixo. A Segunda Revolução Industrial, a Primeira Guerra Mundial e as transformações nas formas de pensar da intelectualidade, sobretudo no plano epistemológico, são os temas centrais para se avaliar os impactos da modernidade.

No terceiro eixo, finalmente, ocorre o paralelo analítico entre surgimento da cultura europeia de massas e o modernismo paulista, acompanhando os impactos da urbanização e da tecnologia na vida sociocultural, especialmente sensorial das pessoas. Em arremate sobre o livro de Sevcenko, Dias (2000, p. xi) caracteriza muito bem o trabalho ao afirmar que o historiador

oferece um livro de leitura arrebatadora e densa, que seduz e instiga o leitor capaz de sobreviver à ansiedade cartesiana, pois procede a um exercício de árdua interpretação, evitando conceitualismos categóricos e abrindo trilhas renovadoras, desimpedidas de cadeias sistêmicas e de explicações causais.

*Orfeu Extático na Metrópole* apresenta algumas combinações únicas de elementos analíticos que conformam a sua originalidade, podendo ser consolidada em dois pontos, a saber: (i) a *crítica da linguagem* como teoria do conhecimento e (ii) o *perspectivismo* de inspiração nietzscheana como método de análise das fontes.

A crítica da linguagem tem as feições do segundo Wittgenstein, na medida em que trabalha com teoria dos jogos de linguagem. Sendo assim, “a palavra se revestiria de um sentido lúdico a partir do momento que o seu sentido passava a depender do consenso do grupo, pois a prática da linguagem é que definiria suas conotações” (DIAS, 2000, p. xvi). A concepção desenvolvida por Wittgenstein, em especial nas *Investigações Filosóficas*, tem todos os traços de uma concepção pragmática de linguagem.

Como se sabe, a pragmática como um dos três níveis de análise – juntamente com a sintaxe e a semântica – da estrutura semiótica remonta ao texto *Fundamento de uma teoria dos signos*<sup>10</sup> do filósofo Charles Morris<sup>11</sup>. A pragmática, de acordo com Lopes (2018, p. 13), diz respeito à “relação dos signos com os seus intérpretes”, ou por outra, explicando de modo objetivo e sintético, o modo como o usuário da linguagem interpreta e emprega os signos cotidianamente.

Em qualificação seminal, o perspectivismo tem sido visto como “a suposta teoria do conhecimento de Nietzsche [...]” (MOTTA, 2010, p. 213). Tal formulação se baseia no pressuposto de que não haveria fatos, apenas interpretação. Dessa forma, abre-se a possibilidade de muitas perspectivas de análise sobre um mesmo objeto de reflexão.

O perspectivismo, dessarte, impõe ao agente um processo de aprendizagem no sentido de “[...] aprender a olhar e a sentir a partir de diferentes perspectivas ou pontos de vista, pode contribuir para a promoção do diálogo entre perspectivas – o que não significa aceitá-las de antemão, sem crítica ou autocrítica” (ARAÚJO DE SOUSA, 2016, p. 110).

O perspectivismo no trabalho de Sevcenko ganha contornos muito peculiares, haja vista não promover qualquer contestação à natureza do conhecimento ou mesmo à sua validade ou ainda à sua justificação, elementos basilares a qualquer teoria do conhecimento. O historiador estabelece um diálogo com a fonte, de maneira quase intimista, ao adotar a empatia histórica. Não se trata, portanto, de uma teoria do conhecimento, mas sim, no máximo, de uma metodologia, uma vez que fica restrito à maneira de analisar as fontes históricas.

10 A primeira publicação do texto se deu em 1938, na forma de artigo, no primeiro volume da *International Encyclopedia of Unified Science*, publicação do *Mundaneum Institute*. Em 1971 foi publicado como a primeira parte do livro *Writings on the General Theory of Signs*.

11 O filósofo e semioticista americano Charles William Morris (1901–1979) atuou, dentre outras, na *Universidade de Chicago* (1948–1958) e na *Universidade da Flórida* (1958–1979).

### III. Problema principal; ou, Sevcenko interpreta Wittgenstein

Esta seção é reservada para reflexão acerca do problema principal deste trabalho, qual seja, Nicolau Sevcenko mereceria a condição de comentador de Wittgenstein? Todavia, para enfrentar tal questionamento, antes se faz imperativo uma reflexão sobre as condições que conferem a um determinado autor o status de *comentador*, assunto sobre o qual Vismann (2020) tece reflexões imprescindíveis a respeito.

Em diálogo com o pensamento benjaminiano, a autora contrasta o *comentário* com o *parecer*, de modo a melhor compreender as especificidades de cada um, ou seja, a comparação como forma de singularização. Decerto, um tipo e outro, comentário e parecer, considerando uma análise a partir da tipologia documental, possuem elementos estruturais em comum.

Seja em um caso ou em outro, os textos são breves e concisos, estando restritos a um objetivo bem específico – um livro ou o pensamento de um autor, por exemplo. Além disso, com relação a avaliação, ela será realizada a partir da *expertise* de quem escreve – seja essa pessoa um historiador ou um engenheiro. Destarte, com relação ao objeto, a avaliação é realizada sob certos critérios, estabelecidos pelo avaliador com base no campo intelectual ao qual está vinculado.

Desse modo, se quem elabora um parecer obrigatoriamente tece comentários sobre a obra, então, qual seria a diferença entre os tipos? A diferenciação não se faz *exclusivamente* a partir do *aspecto formal*. De acordo com Vismann (2020, p. 2049) “as duas formas diferem apenas no momento da avaliação crítica e julgamento de seu objeto”, de tal forma que o avaliador parte de pontos distintos no instante de emitir suas considerações sobre o objeto a ser avaliado.

O *parecerista* primeiramente realiza a análise do objeto e em seguida demonstra a sua avaliação por meio de uma argumentação coerente. De modo diverso, o *comentador* já possui uma pré-avaliação do objeto selecionado para análise; de certo modo, sua seleção é um indicativo de que o objeto é digno de comentários do especialista do campo intelectual.

Devidamente singularizada a condição de comentador, sigo para o passo seguinte: localizar as ideias de Wittgenstein no trabalho de Sevcenko. Essas referências aparecem tanto na epígrafe do livro, quanto no corpo do texto, apresentando problemas na identificação da edição consultada pelo historiador. Tanto com relação ao *Tractatus* – aforismo – quanto com relação às *Investigações* – parágrafo – não há a indicação precisa da fonte consultada pelo historiador.

É possível supor, em ambas as situações, ter sido o próprio Sevcenko o realizador das traduções, a partir de uma edição inglesa, idioma no qual se encontra

grafado o livro de Wittgenstein (*Philosophical Investigations*). Além disso, ao cotejar a tradução apresentada em *Orfeu Extático na Metrópole*, com as traduções existentes na língua portuguesa, não se localizou qualquer compatibilidade.

No primeiro caso, na epígrafe, há a citação da passagem final do §109 das Investigações filosóficas: “A filosofia é a batalha contra o enfeitiçamento da nossa inteligência por meio da linguagem” (WITTGENSTEIN apud SEVCENKO, 2000, p. 177). No corpo do texto, por sua vez, as referências, são originadas de duas fontes distintas: o *Tractatus Logico-Philosophicus* – aforismos 4.0031 e 5.6 – e uma passagem dos *Cadernos 1914–1916*, em sua edição espanhola.

Com relação ao *Tractatus*, o aforismo 4.0031 é citado parcialmente (“toda filosofia é uma crítica da linguagem”). Já o aforismo 5.6, por seu turno, aparece na integralidade (“os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”) (WITTGENSTEIN apud SEVCENKO, 2000, p. 177).

Localizadas as ideias wittgensteinianas e identificado o contexto no qual foram mobilizadas sigo para o movimento subsequente no qual pondero acerca da importância de tais ideias na argumentação urdida por Sevcenko. Mas, antes vejamos a interpretação breve, porém singular sobre a relação linguagem e mundo, sobre a qual diz o historiador: “Não há, portanto, nem transparência nem qualquer conexão necessária ou constringente entre a linguagem e o mundo. O mundo é a esfera da ação, não da palavra” (SEVCENKO, 2000, p. 177).

De imediato o leitor atento nota o deslocamento de sentido estabelecido por Sevcenko ao sustentar o distanciamento entre linguagem e mundo (mundo = esfera da ação; linguagem = esfera da palavra).

Como vimos na seção I, linguagem e mundo estão vinculados pela forma lógica, de tal maneira que é possível compreender a *estrutura lógica do mundo* por meio da análise da *estrutura lógica da linguagem* e vice-versa. Não é o que apresentado pelo historiador; resta-nos especular os porquês?

Não ignoro o fato de que, em sua reflexão, o autor de *Orfeu Extático na Metrópole*, o foco está nas mudanças na imaginação cultural e científica, em uma temporalidade compreendida entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, não sendo prioridade, naturalmente, as nuances envolvidas na maturação intelectual de um pensador em particular.

Porém, não se pode ignorar também o fato de que se Sevcenko tivesse avaliado minimamente a literatura acerca da obra wittgensteiniana, certamente teria notado o estranhamento – para dizer o mínimo – no movimento heurístico por ele adotado. Em sua sequência argumentativa, Sevcenko encadeia os aforismos 4.0031 e 5.6, anteriormente citados nesta seção, para daí encadear sua singular interpretação do mundo e da linguagem como instâncias estanques.

O estranho nesta situação é que o historiador atropelou a historicidade ao se descuidar de um aspecto importante: a justificativa para interpretação tão singular é buscada em uma passagem dos *Cadernos 1914-1916*, em sua edição espanhola:

Que me importa a história? Meu mundo é o primeiro e o último! Quero informar acerca do mundo em que eu me hei encontrado. O que outros me disseram no mundo sobre o mundo é uma parte sumamente pequena e subsidiária da minha própria experiência do mundo. Tenho eu que ajuizar o mundo, que medir as coisas.

“Que me importa a história?”. Em uma primeira leitura podemos nos questionar: tratar-se-ia, tão somente, de uma pergunta retórica? Pergunta retórica, sim. Não há dúvidas com relação a esse ponto. Na sequência, no entanto, ao afirmar que “Meu mundo é o primeiro e o último!”<sup>12</sup>, Wittgenstein mostra a que veio ao introduzir a temática solipsista.

Como é sabido, o sujeito solipsista é aquele que se desprende da linguagem social e da intersubjetividade – ou assim acredita – valorizando suas concepções subjetivas. Dito de outra forma, Moreno (2001, p. 239) explica que o sujeito solipsista é aquele que “[...] não possui vontade, por não ser empírico, como também não possui competência para explorar qualquer face do limite do mundo, por ser desprovido de linguagem.”

A ênfase imposta à sentença seguinte confirma a presença da tentação solipsista: “Quero informar acerca do mundo em que *eu me hei encontrado*.” (grifo meu). Contudo, constatar a presença da tentação solipsista não significa a presença do sujeito solipsista em si. São planos distintos. No fragmento anterior, assim entendo, o sujeito não está completamente imerso no solipsismo. Mas, por qual razão? Vejamos.

O filósofo revela a adesão parcial quando afirma: “O que outros me disseram no mundo sobre o mundo” é tão e somente “uma *parte* sumamente pequena e subsidiária” (grifo meu), não o todo, não a mais significativa, “da minha própria experiência do mundo.” O sujeito se depara com o solipsismo em um flerte quase irresistível; porém, não significa imersão imediata. Por quê? Uma parte dele ainda permanece livre da concepção intransitiva, buscando meios para dialogar com o mundo.

Qual é, então, o problema em tal movimento? Tanto o *Tractatus* quanto os *Cadernos* fazem parte da chamada primeira fase; as *Investigações*, da segunda. A periodização primeiro/segundo Wittgenstein, como se sabe, possui um elemento singular, pois um dos critérios foi a própria apostasia do autor com relação ao

12 A presença mística nessa passagem é incontestável, havendo forte semelhança, no plano estrutural, com o versículo bíblico do Apocalipse: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o *Primeiro e o Último*, o Princípio e o Fim.” (Ap 22,13, grifo meu). Sobre o misticismo e a religiosidade em Wittgenstein, cf. Spica (2020); Zilles (1994).

seu trabalho!

Neste caso, portanto, não se trata exclusivamente de elaboração a posteriori por estudiosos como é praxe. E mais: como vimos anteriormente, o trabalho filosófico de Wittgenstein é embasado por teorias completamente diferentes. Se na primeira fase é a *teoria pictórica da linguagem* que fundamenta suas reflexões, na fase subsequente o embasamento ocorreu através da *teoria dos jogos de linguagem*.

## Considerações finais

Tendo em vista os argumentos apresentados, é possível considerar Nicolau Sevcenko um comentador de Wittgenstein? Retomo, dessa maneira, a discussão sobre a *forma*. Afirmar que um autor é *comentador* de outro implica um duplo movimento: a adoção de um posicionamento perante o cânone acadêmico, assim como a atribuição de status em um campo intelectual.

De maneira esquemática, a pesquisa acadêmica nas ciências humanas apresenta uma problemática bem estabelecida a partir de um tema de pesquisa e de uma conjuntura histórica, seguido de um problema formulado com esmero, acompanhado de hipóteses norteadoras da reflexão e, finalmente, fontes de informação pertinentes ao tema e ao período de investigação.

Em seção precedente havia traçado hipóteses para orientar o percurso avaliativo. Havia estabelecido três condições para que sujeito X possa ser considerado comentador do sujeito Y:

- i. nível de adesão ao cânone acadêmico (parcial ou integral);
- ii. nível de rigor presente no raciocínio (incipiente ou rigoroso);
- iii. nível de desenvolvimento do texto (breve ou circunstanciado).

iv. Entendo que a questão da forma é essencial. A atribuição de papéis sociais em um campo intelectual – *comentador*, no caso em questão – não é pouca coisa. O cânone acadêmico impõe ao autor um protocolo bem específico, seguido à risca por Sevcenko, mas não com relação à obra do filósofo, questão marginal em sua reflexão. Então, nesse caso, como fica o seu hipotético status de comentador da obra wittgensteiniana?

Refutado, entendo eu. Não há, indubitavelmente, veiculação de leitura sistemática e verticalizada de tal obra por parte de Sevcenko. Logo, o historiador não apresenta uma argumentação estruturada contendo problema e hipótese(s) norteadoras da reflexão. Entretanto, apresenta uma leitura singular da obra do filósofo austríaco, mesmo breve e problemática, como dito anteriormente.

O *status de comentador*, assim entendo, deve ser reservado única e exclusivamente para o autor que interpreta o trabalho de outro, tanto em extensão quanto em profundidade intelectual, de forma sistemática e verticalizada,

respeitando o cânone da pesquisa acadêmica. No caso em discussão, Nicolau Sevcenko fez uma interpretação, criativa e original em algum sentido, mas que não o torna, de modo algum, um comentador de Wittgenstein.

## Referências

ANTISERI, D.; REALE, G. **História da filosofia**, 6: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. São Paulo: Paulus, 2006 (Coleção história da filosofia; 6).

ARAUJO DE SOUSA, M. O perspectivismo de Nietzsche e a compreensão. **Líbero**, São Paulo, v. 19, n. 37–A, p. 109–116, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/87>. Acesso em: 21 fev. 2022.

BARTLEY III, W. W. **Wittgenstein**. Philadelphia: Lippincott, 1973.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. 2. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2008.

CONDÉ, M. L. L. **Wittgenstein**: linguagem e mundo. São Paulo: Annablume, 1998.

DIAS, M. O. L. S. Prefácio: hermenêutica e narrativa. *In*: SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FREGE, G. **Conceitografia**: uma linguagem formular do pensamento puro decalcada sobre a aritmética. Introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado, Alessandro Duarte e Guilherme Wyllie. Seropédica, RJ: PPGFIL–UFRRJ, 2018. E–book.

HACKER, P. M. S. **Wittgenstein**: comparisons and context. Oxford: Oxford University Press, 2013.

HALLER, R. **Wittgenstein e a filosofia austríaca**: questões. São Paulo: Edusp, 1990.

KREMPEL, R. A. **Sobre o problema do mundo exterior em Wittgenstein**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LOPES, Ana Cristina Macário. **Pragmática**: uma introdução. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

MEURER, C. F. Como se relacionam o pensamento e a linguagem com o mundo? Notas de leitura do *Tractatus Logico-Philosophicus*. **Kalagatos** – Revista de Filosofia, Fortaleza/CE, v. 10, n. 19, 2013, p. 101–120.

MOYAL-SHARROCK, D. **The third Wittgenstein**: the post-investigation works. New York: Ashgate Publishing, 2004.

MORENO, A. R. Wittgenstein e os valores: do solipsismo à intersubjetividade. *Nat. hum.*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 233–288, dez. 2001. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302001000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302001000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 01 fev. 2022.

MOTA, T. Nietzsche e as perspectivas do perspectivismo. *cadernos Nietzsche*, n. 27, p. 213–237, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/cadniet.2010.n27.7780>. Acesso em: 21 fev. 2022.

PINTO, P. R. M. **Iniciação ao silêncio**: uma análise do Tractatus de Wittgenstein como forma de argumentação. São Paulo: Loyola, 1998.

QUINTON, A. M. Contemporary British Philosophy. In: O'Connor, D. J. (ed.). **A critical history of Western Philosophy**. 2. ed. New York: The Free Press, 1965. p. 530–556.

SEGATTO, A. I. **Wittgenstein e o problema da harmonia entre pensamento e realidade**. São Paulo: Unesp Digital, 2015. E-book.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SPICA, Marciano Adílio. **A religião para além do silêncio**: reflexões a partir dos escritos de Wittgenstein sobre religião. Curitiba: CRV, 2020.

STENIUS, E. **Wittgenstein's Tractatus**: a critical exposition of its main lines of thought. Oxford: Basil Black Well, 1964.

WITTGENSTEIN, L. **Cadernos 1914–1916**. Tradução de João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2004 (Biblioteca de Filosofia Contemporânea).

WITTGENSTEIN, L. **Diário filosófico (1914–1916)**. Traducción de Jacobo Muñoz e Isidro Reguera. Barcelona, Planeta–Agostini, 1986.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução de Marcos G. Montagnoli. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 (Coleção Pensamento Humano).

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus**. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

von WRIGHT, G. H. The origin and composition of the Philosophical Investigations. In: von WRIGHT, G. H. **Wittgenstein**. Oxford: Blackwell, 1982.

ZILLES, Urbano. **O racional e o místico em Wittgenstein**. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.